

TECENDO DIÁLOGOS ENTRE FUNCIONALISMO E DIALOGISMO PARA ANÁLISE DE FENÔMENOS EM PROCESSO DE VARIAÇÃO/MUDANÇA

WEAVING DIALOGUES BETWEEN FUNCTIONALISM AND DIALOGISM FOR THE ANALYSIS OF PHENOMENA IN THE PROCESS OF VARIATION/CHANGE

Marcela Langa Lacerda¹

RESUMO: Este texto tem o objetivo de argumentar que o agenciamento de uma forma/função no uso efetivo da língua ocorre no âmbito dos gêneros do discurso. De cunho interpretativista, esta pesquisa é bibliográfica, e recupera de Bragança (2017) um diálogo entre os campos funcionalista, considerando a vertente da Costa Oeste (GIVÓN, 2001; TRAUGOTT, 2001; HOPPER; TRAUGOTT; 2003, dentre outros) e dialógico (BAKHTIN, 2014 [1924]; BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014 [1929]; MEDVIÉDV, 2012 [1928], dentre outros), para tratamento de fenômenos em variação/mudança, tomando o caso da expressão do futuro do presente no português do Brasil como exemplar. Os resultados da investigação apontam para a relevância de se considerar: (i) que a expressão do futuro do presente é uma representação construída no/pelo discurso; (ii) que relações cronotópicas e avaliativas são constitutivas de todos os usos linguísticos; (iii) que recursos linguísticos tais como os variáveis, por um lado, e os multifuncionais, por outro lado, sendo agenciados para cumprir uma função teleológica, não são sempre os mesmos, sendo, por isso, relevantes para o estudo da variação estilística; (iii) que o estilo é, na verdade, dos gêneros do discurso. Daí a argumentação de que é no âmbito dos gêneros que a explicação da relação forma/função deve ser buscada.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo da Costa Oeste. Dialogismo. Fenômenos em variação/mudança. Expressão do futuro do presente.

ABSTRACT: This text aims to argue that the assemblage of a form/function in the effective use of language occurs within the scope of genres of the discourse. Using an interpretive nature, this research is bibliographical, based on Bragança (2017), who has proposed a dialogue between the functionalist fields, considering both the West Coast (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; 2003; GIVÓN, 2001; TRAUGOTT, 2001, among others) and the dialogic perspectives (BAKHTIN, 2014 [1924]; BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014 [1929]; MEDVIÉDV, 2012 [1928], among others), for the treatment of phenomena in variation/change, taking the case of the expression of the future of the present in Portuguese from Brazil as an example. The research results point to the relevance of considering: (i) that the expression of the future of the present is a representation constructed in/by the discourse; (ii) that chronotopic and evaluative relationships are constitutive of all linguistic uses; (iii) that linguistic resources such as variables, on the one hand, and multifunctional ones, on the other hand, being arranged to fulfill a teleological function, are not always the same, being, therefore, relevant to the study of stylistic variation; (iii) that style pertains to the discourse around genres, hence the argument that it is within the scope of the genres that the explanation of the form/function relationship must be sought.

¹ Professora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória-ES, Brasil. E-mail: marcelalanga@yahoo.com.br

KEYWORDS: West Coast Functionalism; dialogism; variation/change phenomena; expressing future of the present.

Palavras iniciais

Em recente tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), expus uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de fenômenos em variação/mudança (BRAGANÇA, 2017), pondo-a à prova com o caso da expressão do futuro do presente no Português do Brasil (doravante PB). A extensa proposta² – a que denominei de *sociofuncionalismo enunciativo-discursivo* – foi bem aceita pelos primeiros avaliadores e, por isso, de lá para cá, tenho tentado (a) revisá-la, considerando a contribuição de diversos colegas de diferentes grupos de pesquisa, (b) operacionalizá-la metodologicamente e também (c) popularizá-la, por meio de publicações, participação em eventos, debates acadêmicos etc.

Curiosamente, um dos maiores entraves para tudo isso tem sido especificar o público-alvo dessas discussões, pois casamentos teóricos ou pesquisas indisciplinadas, embora agenciem abordagens epistemologicamente compatíveis (e especificamente por isso o casamento é possível), demandam ajustes/reformulações, de modo que o novo escopo teórico-metodológico passa a não ser mais coincidente com nenhuma das abordagens agenciadas para o diálogo; mas, muito frequentemente, temos que lidar com representantes de cada uma das abordagens reivindicando, de nossos trabalhos, conceitos, métodos, referências, leituras e pressupostos particulares, impingindo-nos a lançar mais luz para uma das abordagens, a depender de “para quem estamos falando”, com vistas à garantia da razoabilidade da discussão apresentada.

Na tentativa de contornar esse imbróglia, especificamos, de saída, que o público-alvo deste texto não são variacionistas, funcionalistas ou bakhtinianos, particularmente, mas analistas da língua em uso, sobretudo os que se dedicam ao exame de fenômenos em processo de variação/mudança, e (a) que compreendem que, circunscrevendo, constituindo e justificando os usos linguísticos está a dimensão social (histórico-cultural e pragmática) e (b) que assumem que o mundo interpretativo da prática social é confuso, complexo e contingente (COUPLAND, 2007) e, por isso mesmo, evoca uma crescente ampliação dos níveis de análise – eis a força e a fraqueza de se trabalhar com a língua em uso.

² A tese conta com quase 700 páginas e, embora essa extensão não seja comum (nem desejável), foi compreendida pelos avaliadores, pelos motivos nela apresentados.

Dito isso, (a) retomando e ampliando discussões promovidas por Bragança (2017), mas agora com foco apenas em parte do diálogo tecido entre os campos funcionalista³ e dialógico, (b) ainda considerando o caso da expressão do futuro do presente no PB como ilustrativo de fenômenos em processo de variação/mudança e (c) tendo em mira o fato de que um dos desafios dos estudos funcionalistas é lidar com a questão do texto e do contexto (OLIVEIRA, 2015; SOUSA, 2015), este texto, promove um breve diálogo entre as abordagens em tela, a fim de argumentar que o agenciamento, no uso efetivo da língua, de um par forma/função (especificamente considerando fenômenos em processo de variação/mudança de mesma ou similar natureza que o da expressão do futuro do presente, no PB) ocorre no âmbito dos gêneros do discurso.

O percurso argumentativo deste texto segue do particular (com considerações sobre um fenômeno específico) para o geral (com reflexões epistemológicas e teórico-metodológicas)⁴, registrando-se a advertência de que não se apresenta aqui um estudo *sobre* variação/mudança em dados do PB, mas o desenvolvimento de um raciocínio, de natureza epistemológica e teórico-metodológica, em prol da emergência de uma ressignificada abordagem para o exame de fenômenos em variação/mudança – notadamente porque respeita à circunscrição dos usos linguísticos aos gêneros do discurso.⁵

Para essa discussão, distanciado da pretensão de projetar um *modus operandi* teórico-metodológico para uma abordagem de interface, este texto está assim organizado: (i) na próxima seção, explanam-se algumas questões que envolvem a expressão do futuro do presente, especificamente; (ii) na sequência, destacamos pontos de diálogos entre as abordagens funcionalista e dialógica; (iii) em seguida, na seção central deste texto, apresentamos um dos desafios da pesquisa funcionalista (o de lidar com as noções de texto e contexto), com vistas a argumentar que a perspectiva dialógica sobre os gêneros do discurso pode ser produtiva para enfrentamento dessa questão, considerando, nesse tópico, a explicação sobre por que a relação

³ A vertente funcionalista em tela é o *funcionalismo norte-americano*, que tem como seus representantes Bybee, Givón, Heine, Claudi, Hünemeyer, Kuteva, Hopper; Traugott, Dasher – e, no Brasil, Braga, Paiva, Cezário, Martelotta, Alonso, Sousa, Tavares, dentre muitos outros.

⁴ Atenção: não estamos considerando que a articulação entre uma abordagem funcionalista e uma de análise de gênero (de texto e/ou de discurso) seja inédita na literatura dos estudos funcionalistas. Apenas não faremos menção a outros trabalhos dessa natureza porque o objetivo deste texto se realiza por meio da explanação de um tipo específico de articulação.

⁵ Nesse cenário, considerando como objeto de reflexão a própria argumentação (e pressupondo que ela é válida), submetemos aos leitores parte de uma extensa proposta de articulação, que, embora tenha nascido em função da análise de um objeto de estudo em particular (Cf. BRAGANÇA, 2017), pode ser produtiva também para outros fenômenos em processo de variação/mudança, o que justifica nosso interesse em registrar o público-alvo aqui previsto: os analistas da língua em uso, considerando o interesse em fenômenos em processo de variação/mudança, e não em referencial teórico canônico/protocolar.

entre forma/função se estabelece no âmbito dos gêneros do discurso; (iv) por último, tecemos algumas considerações finais sobre o debate aqui empreendido.

O caso da expressão do futuro do presente no PB

Em trabalhos anteriores (BRAGANÇA, 2017; LANGA-LACERDA, 2021), considerando o raciocínio funcionalista, temos sinalizado para a complexidade que envolve a expressão do futuro do presente (doravante FP) no PB, tendo em vista que, dentre outros aspectos, trata-se de uma nomeação que referencia, concomitantemente, *forma verbal*, indiciando a noção de categoria gramaticalmente codificada para expressar tempo, e *função de referência temporal*, também relacionada a valores aspectuais e modais interconectados.

Assim, em termos de *forma*, o FP, no PB atual, tem sido expresso: (i) pelo futuro sintético (sairei); (ii) pelo presente do indicativo (saio); (iii) pela perífrase *ir* (presente) + infinitivo (vou sair); (iv) pela perífrase *ir* (futuro) + infinitivo (irei sair); (v) pela perífrase *ir* (presente) + *estar* + gerúndio (vou estar saindo); (vi) pela perífrase *estar* (futuro) + gerúndio (estarei saindo); (vii) pela perífrase *estar* (presente) + gerúndio (estou saindo); (viii) pela perífrase *modal* + *estar* + gerúndio (devo estar saindo; quero estar saindo etc.), dentre outras.

Já em termos funcionais, as formas e construções do FP, no PB atual, seguem as tendências universais já especificadas pela literatura, conforme a seguir, de codificar diferentes funções do domínio funcional TAM⁶, de modo que diferentes trabalhos se dedicam a investigar o valor funcional mais proeminente de uma dada forma, em cada uso⁷:

[f]uturos são universalmente temporal/aspectual ou temporal/modal ou todos os três; e a correlação desses em uma determinada forma está sujeita a flutuações diacrônicas, como resultado de uma ‘divisão do trabalho’ dentro do sistema verbal em vários períodos no desenvolvimento de uma língua (FLEISCHMAN, 1982, p. 84-85).

Contribuindo ainda para a complexidade desse fenômeno está o fato de a categoria gramatical de tempo se ancorar em três diferentes elementos⁸: *o momento de fala* (o intervalo de tempo de cada oração no ato da comunicação); *o momento de ocorrência das situações*

⁶ De acordo com Görski e Tavares (2017, p. 49) um domínio funcional é “caracterizado como uma área coberta por (macro)funções/significações gramaticais que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos recorrente e regularizada em diferentes níveis”. O domínio funcional TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade) é considerado complexo (macrofunção) ou um macrodomínio porque as categorias de tempo, aspecto e modalidade atuam articuladamente. Cada uma dessas categorias pode ser considerada, no entanto, um domínio funcional específico, como o domínio funcional de tempo, o domínio funcional de aspecto e o domínio funcional de modalidade, embora todas elas compartilhem, em alguma medida, traços umas das outras. Para mais informações, cf. Bragança (2017).

⁷ Cf., por exemplo, Fonseca e Gonçalves (2009), Fonseca (2010a), Fonseca (2010b).

⁸ Neste ponto, estamos nos baseando na interpretação lógica formulada pelo filósofo e matemático Reichenbach (1947), por ela ser muito difundida na literatura, já que é bastante próxima das intuições do falante e se aplica bem ao português (ILARI, 2004).

referidas (o intervalo de tempo que se atribui ao referente de um verbo); e o *momento de referência* (o intervalo de tempo da contemplação do ato verbal pelo falante que transmite essa perspectiva ao ouvinte) (REICHENBACH, 1947), o que conduz às seguintes premissas a serem observadas no estudo do tempo gramatical, de modo geral, e do FP, de modo particular, conforme Langa-Lacerda (2021):

- i. o ponto central para a representação temporal é o aqui/agora do sujeito ou o momento de fala (MATEUS et al. 1989), de modo que o tempo gramatical é, ao mesmo tempo: *categoria relacional ou dêitica*, já que relaciona o momento da situação reportada ao momento de fala (FLEISCHMAN, 1982; COMRIE, 1985); *propriedade da sentença*, já que morfemas verbais temporais representam uma categoria formal da gramática (FLEISCHMAN, 1990); e *propriedade da pragmática*, por se ancorar em unidades externas à língua, tais como o momento de fala e o sujeito (GIVÓN, 2001);
- ii. há tempos, contudo, em que o momento de referência para a localização temporal de uma situação não é momento de fala, mas outras situações projetadas contextualmente (/textualmente), sendo, por isso, considerados tempos anafóricos (COMRIE, 1985);
- iii. há ainda tempos que combinam esses dois tipos de referência temporal: o momento de fala e o momento de referência, evocando uma perspectiva dêitico-anafórica;
- iv. e, por fim, alguns tempos podem indicar duração ou repetição, de modo que uma situação se efetiva num momento, mas não se encerra ao final dele, ao que se denomina, por exemplo, *presente estendido* (REICHENBACH, 1947), ou situações que, embora localizadas no momento de fala, não se limitam a ele, porque podem se associar a uma fração de tempo que veio antes (o passado) ou a uma fração de tempo posterior (o futuro) (CORÔA, 2005), o que suscita também, no que tange à investigação do tempo futuro, a emergência do conceito de *relevância do presente* (FLEISCHMAN, 1982), segundo o qual, independentemente do tempo cronológico (pode estar distante ou não do momento de fala), o falante estabelece (psicologicamente) uma conexão entre presente e futuro, devido ao fato de a situação futura ser avaliada (pelo falante) como estando relacionada ao estado de coisas do presente, fazendo com que o futuro seja visto em termos daquilo que agora constitui o futuro (CORÔA, 2005), sendo pois, esse tempo, uma representação das *projeções mentais e emocionais* dos sujeitos (FLEISCHMAN, 1982).⁹

O que mais de perto nos interessa, neste texto, é a compreensão da literatura funcionalista de que a maneira como o falante *avalia* a potencialidade das situações futuras (da possibilidade à certeza, por exemplo), tomando o presente como referência (conectando-se a ele ou apartando-se dele), não apenas integra as formas de se referir ao futuro, como também

⁹ Seguindo definições de trabalhos anteriores, consideramos que o futuro do presente se refere a situações que se projetam para além do momento de fala e que tomam esse momento (quer direta, quer indiretamente) como ponto de referência. As formas de FP em variação expressam, pois, essa função, estando ainda a ela associadas, variavelmente, as noções de aspecto e de modalidade.

motiva a combinação entre formas e funções que elas podem exercer, no amplo quadro do domínio funcional TAM, em cada situação de interação (GIBBON, 2014), o que justifica a relativa instabilidade dessa relação (entre formas e funções) na representação da expressão do FP. Neste ponto vale lembrar que os sujeitos, contudo, só podem operar, variavelmente, sobre a relação forma/função, no sentido de atualizá-la, conforme avaliação ou projeções mentais e emocionais, porque há um inventário de formas e funções para isso – porque há, portanto, relativas estabilidades formais, usos rotinizados, dados aos sujeitos para o processo de comunicação. E, conforme Hopper e Traugott (2003), o inventário de formas existentes para a codificação de um domínio funcional ou de uma função, numa dada sincronia, é o inventário das vias evolutivas que lhes deram origem, “[...] porque a soma total dos vários tipos estruturais que pode codificar um domínio funcional alvo particular não é senão a soma total das várias vias de gramaticalização diacrônica de um possível domínio-fonte funcionalmente similar” (GIVÓN, 2001, p. 23). Nesse sentido, neste texto, estamos considerando a variação na expressão do FP como resultado de diferentes processos de gramaticalização¹⁰, já que o ponto de vista assumido é o funcionalista (e não o variacionista ou sociofuncionalista).

Para os fins deste texto e sintetizando a questão, importa destacar que, dada a complexidade da relação entre forma/função, na expressão do FP, conforme vimos argumentando, o falante sempre aciona uma referência a partir da qual situa a predicação temporal, de forma que não há uma relação direta entre o tempo dos acontecimentos no mundo e a expressão gramatical de tempo, uma vez que entre um e outro há o trabalho dos sujeitos que, podendo estabelecer diferentes pontos de referência para se reportar às situações ou mesmo avaliá-las de diferentes modos, promove também diferenças linguísticas, considerando o par forma/função, para a representação temporal. Esse modo de compreender o fenômeno da expressão do FP pode, inclusive, ser aplicado ao modo funcionalista de compreender toda a linguagem, uma vez que, nas palavras de Neves (2006, p. 80), a

[...] comunicação se refere, pois, a estados, eventos, indivíduos que fazem parte do mundo construído no discurso, não importando a existência, ou não, das coisas desse mundo no mundo real. A construção desse mundo tem ponto de partida nos propósitos do falante, que constrói seus enunciados¹¹ conferindo relevância aos argumentos segundo o que seja conveniente a esses propósitos.

¹⁰ Para um panorama sobre diferentes processos de gramaticalização que ensejam a diversidade de formas que atualmente codificam, no PB, o domínio funcional do FP, cf. Bragança (2017).

¹¹ Uma explicação parece relevante, neste ponto: geralmente, os estudos funcionalistas (e também variacionistas) usam os termos *discurso* e *enunciado*, alternativamente, em referência à língua em uso, sem muitas especificações ou coincidências, visto que podem se voltar para diferentes aspectos do uso linguístico, conforme interesses particulares de pesquisa. Neste texto, conforme argumentação apresentada na sequência, lemos esses termos (e também o termo *enunciação*) de modo circunstanciado, inscrevendo-os no âmbito da perspectiva dialógica da linguagem, uma vez que, com isso, acreditamos que não estamos desconsiderando pontos de interesse dos estudos funcionalistas, mas ampliando-os, especificando-os e também ressignificando-os, já que, com o diálogo teórico

É precisamente esse aspecto que aponta para a agentividade dos sujeitos nos processos de representação do mundo social, pela/na linguagem; que indicia a compreensão de que a especificação da relação forma/função é uma conquista contextual (/pragmático-interacional), sem, contudo, perder-se de vista que essa conquista se ancora num amplo quadro de possibilidades que são dadas (histórico-culturalmente) aos sujeitos, por conta da própria história evolutiva da língua.

Assim, se, por um lado, os sujeitos dispõem de recursos (leia-se: formas e funções e associações mais canônicas entre determinadas formas e determinadas funções) para a expressão do FP, nada garante que, no uso evêntico da língua eles recorrerão a usos, a associações já historizadas, pois sempre há o potencial de se agenciar usos criativos para efeitos de sentido que vão além de usos anteriores (TRAUGOTT, 2001). A seguir, tecemos um diálogo entre questões funcionalistas, valendo-nos do caso da expressão do FP, e questões, bakhtinianas, com vistas à argumentação pretendida neste texto.

Promovendo o encontro: aspectos epistemológicos

Nesta seção, tecemos um diálogo epistemológico, por meio de duas diferentes vias apenas, entre as abordagens bakhtiniana e funcionalista, conforme a seguir, considerando a complexidade da relação entre formas e funções para expressar o FP, no PB atual. Na seção seguinte, então, agenciamos a discussão sobre essa relação e os gêneros do discurso, especificamente.

Em primeiro lugar, se, do ponto de vista funcionalista, vimos na seção anterior que a referência ao FP é construída no/pelo discurso¹², do ponto de vista dos Escritos do Círculo de Bakhtin (doravante ECB) também não se pode confundir, na discussão sobre a relação entre linguagem e realidade, a distinção entre *mundo representante* (o mundo real, ou seja, o mundo do “tempo-espaço totalmente real onde [...] se encontra o manuscrito ou o livro, [onde]

em tela, estamos em busca, justamente, de uma renovada epistemologia para o tratamento de fenômenos em variação/mudança (especificamente). Sem prescindir, portanto, de ideais funcionalistas, nosso intento é ampliar a concepção de linguagem, por meio do diálogo ora proposto, para tratamento mais sistemático de aspectos que circunscrevem o uso linguístico – que, conforme assumimos neste texto, sempre ocorre sob a forma de enunciados. Mais adiante, especificamos esses termos (discurso e enunciado).

¹² Retome-se a observação de que *discurso*, nos estudos funcionalistas, refere-se, de modo geral, à língua em uso, ao passo que, nos ECB, “o termo *discurso* é substituído por *relações dialógicas*” (BRAIT, 2012, p. 22; grifos da autora), isto é, pode ser tomado como conteúdo ideológico, como posição ou ponto de vista que se assume em relação a outras posições, no mundo da vida. A perspectiva assumida neste texto é a de que a noção de uso linguístico não pode abrir mão da visão de que ele “nasce, vive e morre no processo de interação” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926], p. 86), de modo que sempre indicia uma tomada de posição em relação a outros usos, em relação a outros conteúdos ideológicos. Assim, assumimos que todo uso linguístico é fundamentalmente ideológico.

encontra-se também o homem real que criou a língua falada, que ouve e lê o texto”, o mundo, enfim, “criador do texto” (BAKHTIN, 2018, p. 230)) e *mundo representado* (o mundo da linguagem, o mundo da construção de imagens) (BAKHTIN, 2014 [1936- 1937]): porque há “uma fronteira rigorosa” entre um mundo e outro, dado que o que a enunciação faz é pintar o mundo a partir de um ponto de vista. Por conseguinte, até a referência a fatos pessoais já se torna uma representação dos fatos, ou seja, mesmo se “eu narrar (escrever) um fato que acaba de acontecer comigo, já me encontro, como *narrador* (ou escritor), *fora do tempo-espaço onde o evento se realizou*” (p. 360; grifos do autor).

Por outro lado, segundo os ECB, apesar da fronteira rigorosa que separa esses dois mundos, não sucede que ela seja intransponível: como o mundo real (do autor e do leitor) também é cronotópico, ou seja, implica uma relação espaço-temporal, é desses cronotopos reais que se originam os cronotopos (criados e refletidos) no mundo representado, no mundo da linguagem. Desta forma, esses dois mundos, embora não se confundam, estão indissolivelmente ligados e, por esse motivo, o enunciado¹³ e o mundo nele representado penetram o mundo real, enriquecendo-o; e, de igual modo, o mundo real penetra o enunciado e o mundo nele representado, num constante processo de renovação mútua (BAKHTIN, 2018).

Em diálogo, portanto, com a perspectiva funcionalista, nesse ponto, é no âmbito de discussões dos ECB sobre a fato de a linguagem ser essencialmente cronotópica, ou seja, de sempre implicar um modo de assimilação e representação da relação espaço-tempo (mais que isso, de implicar a representabilidade dos *eventos* e dos *homens* a partir de determinadas imagens espaço-temporais), que encontramos um caminho profícuo para o estudo da língua em

¹³ *Enunciado e enunciação* podem ser considerados termos alternativos (enunciado/enunciação), no âmbito dos ECB, e, de modo geral, considerando os limites deste texto, referem-se ao “emprego concreto e único da língua em campos específicos de atividade humana (BAKHTIN, 2011[1952-53], p. 261), à unidade concreta e real da comunicação, um todo de sentido e que se constitui de duas dimensões: uma verbal e outra social. Como tal, o enunciado é uma unidade “em relação indissociável com a vida” (GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO [GEGe], 2009, p. 36).), e, por isso, uma unidade diferente das unidades da língua (palavra e oração), tal como concebida pela linguística hegemônica (da época em que emergem os ECB); no primeiro caso, estamos diante de um *signo*, cuja característica é a possibilidade de ser sempre novo, sempre emergente/movente, sempre um novo ato semiótico; no segundo caso, estamos diante de um *senal*, sempre reiterável, idêntico a si mesmo, aspecto necessário para a mútua inteligibilidade, mas que precisa ser superado para que se conquiste a eficácia de um signo vivo (PONZIO, 2011). Para o estudo de fenômenos em variação/mudança, estamos reivindicando/propondo, na esteira da perspectiva dialógica, conforme argumentação subsequente, que o par *forma/função* seja visto em sua face sígnica, em seu ato semiótico, em sua potencialidade, portanto, de constituir uma relação sempre nova e de também indiciar novos significados, a depender do todo de sentido em que são agenciados, de modo que nem mesmo as formas sejam vistas como sendo sempre as mesmas – perspectiva que, em nossa compreensão, se alinha à noção de gramática emergente, dos estudos funcionalistas.

uso – mais especificamente, para o estudo de fenômenos em variação/mudança, conforme já apontado por Bragança (2017), considerando o seguinte raciocínio: a enunciação, sendo praticada em um *mundo representante* específico, ou seja, em campos/esferas culturais específicos/as, é configurada pelo tipo de *percepção e representação* que esses, por meio de seus enunciados, desenvolvem da relação espaço-tempo; como o enunciado atua no plano da representação – o que significa incluir qualquer objeto de enunciação “não só no campo da existência espaçotemporal [sic], mas também no campo semântico” (BAKHTIN, 2018, p. 236) –, o exame das relações cronotópicas dos enunciados, por meio do modo como representam os eventos e o homem, constitui um meio, dentre outros, para a compreensão dos modos como cada domínio cultural significa e representa a própria experiência (histórico-cultural).

Nesse sentido, argumentamos que é pela porta dos cronotopos que o exame de fenômenos em processo de variação/mudança (de mesma ou similar natureza que o fenômeno da expressão do FP, por exemplo), pode ser potencializado: imagine o leitor como seria produtivo para o analista, de saída, considerar o modo como cada domínio cultural significa e representa a própria experiência, situando, por exemplo, os dados da língua em uso, em exame, no âmbito das relações cronotópicas que os constituem; no caso específico da expressão do FP, podemos imaginar que os diferentes modos de assimilação da relação espaço-tempo nas esferas jornalística, jurídica, científica e religiosa, só para citar algumas, podem ser um importante princípio explanatório sobre o agenciamento mais frequente de determinados pares forma/função, uma vez que cada uma dessas esferas se orienta para a realidade, em termos cronotópicos, de modo específico; cada uso em investigação, situado em esferas culturais específicas, pode ser motivado, nesse sentido, por uma questão de natureza epistemológica, considerando o modo como cada esfera se orienta para a realidade.¹⁴

A título de exemplificação, Langa-Lacerda (2021), contrastando usos de FP em artigos jornalísticos que versavam sobre o futuro pós COVID-19, produzidos segundo a ótica de duas diferentes esferas (a ótica da esfera religiosa, de matriz judaico-cristã, e a ótica da esfera científica), assim aduz:

Na esfera religiosa, a avaliação que os sujeitos fazem do futuro não depende da historicidade dos acontecimentos, mas da narrativa bíblica sobre a história da humanidade [:] o tempo da humanidade, como um todo, é compreendido como breve, e o seu fim também está previsto; tudo que ocorre entre o início e o fim da humanidade é tido como conhecido, como já narrado pela Bíblia [...] [Assim, a articulista cristã] assume que sabe que o dia seguinte [pós COVID] está assegurado [assumindo um] tom mais assertivo [em todo o texto, a começar pelo título: *Haverá dia seguinte.*”]

¹⁴ Aqui parece estar o embate central da discussão ora proposta: argumenta-se ser produtivo examinar o par forma/função como uma unidade a serviço de um todo de sentido específico (o enunciado), e cuja significação é indissociável desse todo, no âmbito do qual o par estará em relação a outros pares forma/função.

[pelo qual o falante se compromete com a realização de um estado-de-coisas, mesmo sem haver nenhum indício pragmático para a sua efetivação] (p. 11-12).

[Na esfera científica, por outro lado] a articulista [...] precisa assumir que não sabe sobre como será o mundo pós-COVID-19, porque sua fonte de segurança são as provas produzidas pela ciência [mas a ciência vive o seguinte dilema, segundo Maingueneau: [...] um perito é sempre um perito de um saber em particular, e não sobre a pandemia ou sobre os rumos globais pós-pandemia; [...] a pandemia ainda está em fase de descoberta, e os especialistas, cada um em sua área, não têm tempo de ler as centenas de artigos divulgados, embora precisem oferecer, publicamente, “certezas”. Assim, os diversos especialistas requisitados pela mídia vivem o seguinte paradoxo, nas palavras do autor: “[...] se ele está convidado a falar, ele tem um contrato de fala que pressupõe que ele sabe o que fala e que vai levar conforto às pessoas. Mas, na verdade, ele não sabe, porque não tem tempo de saber. A única saída é fazer a gestão da contradição: aceitar o contrato de fala midiático que implica que ele sabe, aceitar a legitimidade do cientista, mas não dizer que sabe aquilo que não sabe, mas dizer que a ciência não sabe, preservando a legitimidade das instituições’. [Por isso, no texto analisado, a articulista assumiu] um tom modalizado. (p. 11-12)

Depois de feita esse tipo de análise, de base interpretativista, Langa-Lacerda (2021) verifica os seguintes usos de FP nos textos analisados, que parecem validar a argumentação precedente, no sentido de fazer ver que considerações sobre os diferentes modos de apreensão e representação (cronotópica) da realidade são um forte princípio explanatório para/sobre os usos desse fenômeno (e estendemos a argumentação, por hipótese, para a análise de fenômenos similares): (a) no artigo religioso, um total de 9 ocorrências de formas de FP, sendo 8 formas de futuro sintético e apenas 1 de presente do indicativo; do ponto de vista funcional, essas formas eram mais proeminentemente *modais* (que temporais ou aspectuais) e uma modalidade *do tipo deôntica*, segundo Givón (2001, 2002), ou do tipo *orientada para o falante*, segundo Bybee, Perkins e Pagliuca, (1994), associadas à noção, dentre outras coisas, de manipulação; (b) no artigo científico, apenas 2 ocorrências, ambas na forma sintética; e, do ponto de vista funcional, o seguinte cenário: predomínio da modalidade epistêmica, relacionada ao grau de comprometimento do locutor com a veracidade da situação a que se refere e que, comumente, avalia as situações futuras como certas, segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), para expressar o seguinte posicionamento da articulista: é certo que não sabemos o que vai ocorrer após a pandemia, mas é igualmente certo que algo “surgirá” depois de tudo isso (num cenário epistemicamente necessário).

Por esse tipo de análise, note o leitor que, embora as formas de FP sejam as mesmas nos dois textos (predominantemente a sintética), há importantes diferenças funcionais entre elas, e o fator explicativo para o agenciamento delas não está na formalidade do texto, mas no todo

projetado da enunciação, de modo que o par forma/função ganha o *tom*¹⁵ de todo o texto, sendo especificamente esse aspecto o responsável por motivar as diferenças funcionais verificadas.

Além disso, esse tipo de resultado parece confirmar a perspectiva de Traugott (2001) segundo a qual a multifuncionalidade de recursos envolvidos em processos de gramaticalização pode também indicar algum potencial para o estudo da variação estilística¹⁶, uma vez que, nessas condições, as formas variantes não são sempre as mesmas, na medida em que, ao desempenharem, nos usos situados, diferentes funções, tendo em vista os diferentes propósitos comunicativos dos falantes (que estão, lembre o leitor, ancorados em um cronotopo típico), já não são equivalentes no sistema linguístico e, por isso, indiciam diferentes estilos, diferentes modos de ser e estar no mundo. Em outras palavras, poderíamos supor que as formas sintéticas em um texto e outro, exercendo diferentes funções, são, com efeito, diferentes formas¹⁷, participando da construção de diferentes estilos, nos diferentes processos de percepção e representação dos eventos e do homem.

Em segundo lugar, além disso, se, do ponto de vista funcionalista, a avaliação que os sujeitos fazem sobre a potencialidade das situações futuras atua no processo de agenciamento do par forma/função, do ponto de vista dos ECB encontramos a concepção de que a avaliação é fundante de todos os usos linguísticos, mantendo, inclusive, estreitos laços com a noção de cronotopo, pelos motivos que se apresentam a seguir.

Referindo-se à uma postura agentiva dos sujeitos em relação (i) ao objeto da enunciação, (ii) a outros enunciados e (iii) aos interlocutores da interação, a ação de valorar a experiência vivida e expressar essa valoração não se trata de ato da consciência individual (nem nos ECB e nem na perspectiva funcionalista), uma vez que “toda consciência viva encontra valores culturais já prontos à mão, como dados a ela, e toda a sua autoatividade se resume em reconhecer a sua validade em si” (BAKHTIN, 1993 [1919-1921], p. 53). Assim, para os ECB, a consciência viva é uma consciência cultural; por conseguinte, a experimentação de qualquer experiência e o tom valorativo conferido a ela só pode ganhar sua unidade dentro da unidade da cultura.

Dito isso, consideremos, em primeiro lugar, a avaliação frente ao objeto da enunciação, sobre o quê Medviédev (2012 [1928]) concebe que, como todo enunciado é um ato social (cf.

¹⁵ *Tom, entonação apreciativa, avaliação, valoração*, dentre outros, são termos alternativos no âmbito dos ECB para fazer referência à posição axiológica, à visão de mundo do sujeito, no uso da linguagem.

¹⁶ Em nossa compreensão, a variação estilística a que se refere Traugott (2001) não é conforme a abordagem laboviana, a *Attention to speech*, mas conforme os estudos de terceira onda variacionista, as *Speakers Designs*. Sobre essas abordagens, cf. Schilling (2013).

¹⁷ Tal como em estudos funcionalistas, a crítica a abordagens que tratam as formas linguísticas como sendo sempre as mesmas é uma das mais contundentes dos ECB. Sobre isso, cf. Volochínov (2013 [1928], p. 117).

4.1.1), uma de suas peculiaridades é ser um fenômeno histórico não apenas porque seu sentido é histórico e social, mas também porque “o próprio fato de sua pronúncia e, em geral, de sua realização aqui e agora, em dadas circunstâncias, em dado momento histórico, nas condições de dada situação social” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 183) é histórica.

Assim, em certo momento, foi um dado sentido, e não outro, que se tornou objeto da comunicação discursiva, ou seja, que entrou no horizonte concreto dos interlocutores em decorrência tanto de um conjunto de condições histórico-sociais, quanto de uma situação concreta de enunciação, já que cada época do desenvolvimento humano delimita objetos particulares que receberão a atenção de um corpo social. São esses objetos, então, que dão origem aos enunciados.

Mas o ponto da questão é que, para que recebam atenção de um corpo social, é imprescindível que os objetos estejam ligados às condições de existência de uma sociedade ou de um de seus grupos e, frente a essas, adquiram um valor particular, adquiram alguma relevância interindividual, já que “*não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social*” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV] (2014 [1929], p. 46) grifos do autor). Por esse motivo, a avaliação social é o fator que atua na própria organização da visão e compreensão dos acontecimentos do mundo, dado que, nos termos de Medviédev, “*só vemos e compreendemos aquilo que, de uma maneira ou outra, toca-nos, interessa-nos*” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 191; grifos nossos). A avaliação social, nesse sentido, é a própria condição para a enunciação.

Disso resulta, quanto ao que mais diretamente nos interessa, a premissa de que a forma de um enunciado é a forma de um conteúdo e da relação valorativa que o falante mantém com ele – ou seja, “[e]u devo experimentar a forma como minha relação axiológica ativa com o conteúdo” (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 58). Por esse motivo, acredita-se que a forma da enunciação realiza a posição ou a atividade de uma avaliação: a “unidade da forma é a unidade da posição axiológica ativa” (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 67).

Mas, além disso, como toda enunciação, enquanto forma de um conteúdo valorado, só ocorre em resposta a outras enunciações, toda manifestação discursiva pressupõe apreciação de outros pontos de vista, já que qualquer ideia só nasce e se forma no processo de interação e luta com a ideia de outros. Por isso, a avaliação que se faz de enunciados já ditos (no passado) ou mesmo de enunciados que se antecipa, que se pré-figura como futuras respostas, também determinam a estrutura da enunciação. Por esses aspectos, “a expressão do nosso enunciado é determinada na só [...] pelo conteúdo semântico-objetual desse enunciado mas também pelos

enunciados do outro sobre o mesmo tema, aos quais respondemos, com os quais polemizamos” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 297). A avaliação que se faz da enunciação alheia, precedente e subsequente, também determina, portanto, a estrutura da enunciação.

Por fim, a avaliação que o falante constrói da relação sócio-hierárquica entre ele e seu auditório também determina a estrutura da enunciação. Nessa relação, inclusive, também está implicada a representação do objeto de discurso, já que, segundo Volochínov, “toda palavra realmente pronunciada (ou escrita com sentido), [...] é expressão e produto da interação social de três: do falante (autor), do ouvinte (leitor), e daquele de quem ou de que se fala (protagonista)” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926], p. 85).

Neste ponto, cabe retomar que, do ponto de vista funcionalista, Traugott e Dasher (2005), tendo em vista a complexa relação entre falante/escritor e ouvinte/leitor na interação, em reconhecimento do “papel ativo do destinatário/leitor na elaboração de estratégias retóricas e de indexar e organizar o ato comunicativo” (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 5), chamam a atenção para as inferências induzidas pelo contexto como motivação para o desencadeamento de processos de mudança. E destacando as relações intersubjetivas, Traugott (2010a, p. 2), para além de considerar a semantização de implicaturas, destaca que “o falante/escritor evoca implicaturas e convida o ouvinte/leitor a inferi-las”, de modo que, uma inferência já nasce da relação entre os participantes da interação. As duas abordagens em perspectiva, portanto, parecem compreender que o “elo entre gramática e uso se concretiza na relação entre falante e ouvinte, que negociam sentido de maneira interativa, tanto respondendo ao contexto quanto criando contexto” (MARTELOTTA; ALONSO, 2012, p.92).

Retomando às concepções dos ECB, pode-se concluir que a avaliação “não apenas é compreendida e considerada sob a perspectiva da situação imediata das práticas discursivas, como pelas conjecturas sócio-histórico-culturais constitutivas desse contexto” (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 192), de modo que não se deve perder de vista que os domínios culturais em que ocorre a enunciação constituem o próprio horizonte social (um horizonte literário, científico, moral, jurídico etc.) a partir do qual a avaliação se constrói. Por isso é que “toda a estrutura formal do discurso, em uma considerável medida, depende da relação que reduz a enunciação às supostas valorações compartilhadas daquele meio social para o qual está orientada a palavra” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926], p. 82-83); em outros termos, pode-se dizer que “o julgamento da situação [...] interfere diretamente na organização do enunciado e [...], justamente por isso, deixa no produto enunciado as marcas do processo de enunciação” (BRAIT, 2005, p. 93). A avaliação social, portanto, determina todos os aspectos

da enunciação: “a escolha do objeto, da forma e sua composição individual nos limites do enunciado. Ela determina, ainda, a escolha do conteúdo e da forma, bem como a ligação entre eles” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 184).

Conceber que a estrutura formal da enunciação depende da valoração do meio para o qual ela se orienta é conceber que, do ponto de vista estilístico-composicional, por exemplo, a avaliação social atua na própria seleção e distribuição das formas linguísticas, respeitando-se um horizonte linguístico, uma vez que a própria expressão de um conteúdo, de um conjunto de intenções é limitada, além de pelas condições de comunicação de um grupo, pelas possibilidades gramaticais, ambas dadas aos falantes. Ao que parece, não estamos diante, portanto, de uma força (a avaliação) que, facultativamente, atua sobre a distribuição dos usos linguísticos (em alguns usos, em alguns fenômenos), mas diante de uma força fundante desses usos, para a qual, portanto, estudos da língua em uso devem se voltar.

Como, dessas discussões epistemológicas, evocamos a concepção de gêneros do discurso e como, deles, depreendemos diretrizes analíticas para o exame de fenômenos em processo de variação/mudança é o que se apresenta a seguir.

Continuando o encontro: enfim, os gêneros e as formas/funções

Para além das aproximações feitas precedentemente, há ainda um ponto geral comum entre as abordagens em tela, do qual, notoriamente, ninguém pode discordar, qual seja: tanto a perspectiva funcionalista quanto a bakhtiniana se interessam pelo estudo da língua em uso, embora essa noção assumam caráter distinto em uma abordagem e outra¹⁸. Para os fins deste texto, estamos argumentado que é produtivo circunscrever os usos linguísticos no âmbito dos *enunciados* (orais e escritos) – a unidade real e concreta da comunicação, realizada entre sujeitos organizados socioculturalmente.

A questão que se destaca agora é que a pesquisa funcionalista, em geral, tendo a tarefa de explicar a correlação entre padrões linguísticos e funções comunicativas, ainda lidam com a “ausência de uniformidade nas concepções [...] do que *seja o fenômeno da comunicação e dos fatos a ela concernentes passíveis de exercerem pressões sobre as estruturas gramaticais*” (SOUSA, 2015, p. 88; grifos nossos). Por isso, em suas tendências atuais, esses estudos precisam lidar com o que Oliveira (2015) aponta como o “verdadeiro desafio aos funcionalistas” (p. 22): a questão da tratativa do contexto de uso da língua e da especificação

¹⁸ Por questões de espaço, não estamos considerando, neste texto, pontos de divergência entre as abordagens em tela, embora reconheçamos a relevância desses aspectos, convertidos em objeto de investigações futuras.

de seus aspectos constitutivos e motivadores dos fenômenos linguísticos. O contexto, segundo a pesquisadora, mesmo sendo uma questão cara aos estudos funcionalistas, ainda “é tratado como entidade vaga, genérica, de contornos pouco ou nada definidos e, por isso mesmo, sua abordagem, tanto do ponto de vista teórico quanto do metodológico, torna-se tarefa de difícil e complexa execução” (p. 22).

Para além do já especificado na seção precedente (sobre dois aspectos contextuais), agora vamos refletir sobre como e por que os gêneros do discurso impactam os usos, segundo os ECB, e os argumentos centrais, para isso, são: que não há uso que não seja em forma de gênero do discurso e que nos gêneros estão indicados todos os elementos do contexto que interessam à pesquisa funcionalista (porque os gêneros são a própria prática a ser observada), pelos seguintes motivos.

Segundo a ótica dos ECB, toda intenção de dizer, ao que vamos chamar de intenção discursiva, se realiza por meio de enunciados e, mais que isso, é ela que determina *o todo* do enunciado; e um dos aspectos (e o mais importante) da inteireza do enunciado, indicando, inclusive, sua conclusibilidade, seu acabamento é a adaptação da intenção discursiva a uma forma de gênero. Isso significa dizer que a construção da enunciação, apesar de conduzida pela intenção discursiva, não se faz livremente, mas se orienta pelas formas típicas de estruturação da totalidade discursiva, a que se denominam *gêneros do discurso*.¹⁹

Os gêneros discursivos, enquanto “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 262; grifos do autor), são, então, uma totalidade discursiva “acabada e resolvida” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 193), de modo que cada gênero de discurso é um tipo especial de construção de um todo enunciativo. Como tal, os gêneros correspondem a *situações típicas de interação*, vinculadas a esferas sociais específicas, e que refletem, portanto, em sua constituição, a finalidade e as condições sócio-ideológicas da esfera a que se filiam. Em cada campo cultural, portanto, “existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 266). Isso significa que os gêneros do discurso não são criados pelos indivíduos, mas dados a eles

¹⁹ As dimensões constitutivas dos gêneros são: i) *conteúdo temático*, que são os objetos e sentidos da enunciação; (ii) *estilo verbal*, que concernem à seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua; (iii) *composição*, que respeita à seleção dos procedimentos composicionais para a organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva, estando nisso implicados os elementos da interação (como a relação que se estabelece entre os interlocutores) e o próprio cronotopo típico do gênero. (BAKHTIN, 2011 [1952-53]). Neste texto, nosso foco é o estilo verbal que, embora definido como a seleção de recursos gramaticais e lexicais da enunciação, ultrapassa esse aspecto pois ele é, em primeiro lugar, “*visão de mundo* e só depois é o estilo da elaboração do material” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 187). Conforme explica Brait (2010b, p. 87), isso significa que estilo “*não trabalha com palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida [...]*” (grifos da autora).

(historicamente), quase que do mesmo modo que as formas da língua (os recursos gramaticais e lexicais), já que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (p. 282). Em vista disso, tanto as formas do sistema da língua quanto as formas típicas de enunciado (os gêneros do discurso) chegam à consciência dos indivíduos fortemente vinculadas (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 283), do que se pode concluir que a *consciência é de natureza genérica*, ou seja, o pensamento se estrutura por meio de unidades de sentido típicas. Disso resulta que os gêneros do discurso são uma força normativa, de maneira que, do ponto de vista do falante, representam modos sociais de construção do discurso; e, do ponto de vista do ouvinte, representam um horizonte de expectativas em relação às regularidades que apresentam – quanto à extensão aproximada, quanto ao conteúdo temático, quanto ao estilo verbal, quanto à expressividade etc. (RODRIGUES, 2001; ACOSTA-PEREIRA, 2013). Nos termos de Bakhtin (2011 [1952-53], p. 283),

[n]ós aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, advínhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso [...].

Mas, ainda segundo Medviédev, cada gênero é capaz de lançar luz ou dominar apenas aspectos específicos da realidade, porque ele mesmo possui formas próprias de visão e compreensão da realidade. Enquanto modos historicizados de ver o mundo, modos típicos de conceptualização de aspectos específicos da realidade, os gêneros do discurso não são, portanto, nem forma nem ideologia, mas “ideologia modeladora da forma” – um tipo específico de atividade [...] que incorpora uma percepção específica da experiência” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 299; grifos do autor).

Em vista disso, é pelos “olhos do gênero” que os indivíduos se orientam para a realidade; são eles que ensinam a ver, já que “a compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo da comunicação social ideológica” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 200), mediada e efetivada pelos gêneros do discurso. Mesmo assim, embora moldem o nosso discurso, os gêneros diferem consideravelmente das formas linguísticas, no que tange aos critérios de estabilidade e normatividade, pois são bem mais flexíveis, livres e plásticos (BAKHTIN, 2011 [1952-53]). Mantendo estreito vínculo com as circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas que orientam o discurso e o constituem, “a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo de comunicação social” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 200) e, por

isso, eles são sensíveis a quaisquer alterações sociais, registrando-as em todas as suas dimensões constitutivas.

Os usos de que falamos, então (tanto o funcionalismo, quanto os ECB), sendo historicamente situados, só se efetivam no âmbito dos gêneros do discurso e, por isso, os estilos de linguagem são, na verdade, estilos de gêneros: é aos gêneros que correspondem determinados estilos. Resultado de enunciações relativamente regularizadas para uma determinada função sociocultural (científica, religiosa, cotidiana) engendrada em esferas específicas e sob determinadas condições de comunicação, os gêneros historicizam, cada um deles, uma dimensão temática, uma composicional e uma estilística também relativamente estável, embora *inflexões* (BRAIT, 2010, p. 89), contrariando as coerções dos gêneros, também sejam possíveis, dado justamente o aspecto idiossincrático e evêntico que constitui a enunciação.

A análise da língua em uso, portanto, de recursos linguísticos que sempre cumprem função teleológica, não pode desconsiderar que o estudo dos recursos linguísticos só pode ser feito em relação direta com o estudo dos gêneros” (AMORIM, 2004, p. 111), porque, nos termos de Bakhtin (2011 [1952-53], p. 291; grifos nossos), “[q]uando escolhemos as palavras, *partimos do conjunto projetado do enunciado*”, de modo que é pelos gêneros que os usos rotinizados são dados ao sujeitos (porque não aprendemos palavras em estado de dicionário, mas no uso situado).

Em síntese, os gêneros do discurso parecem ser a instância de análise do par forma/função, porque a forma é selecionada a depender da finalidade, da função, que lhe é conferida no âmbito de finalidades e intenções comunicativas, de modo que diferentes funções podem e devem ser vistas como uma questão estilística (TRAUGOTT, 2001), sendo o estilo uma propriedade dos gêneros do discurso. Como tal, os usos tanto podem evocar relações já historizadas (usos mais regulares), quanto usos mais evênticos (/pragmáticos). E se o analista quiser investigar a motivação das relações (forma/função) contraídas nos gêneros, terá que se voltar para o todo (de sentido) projetado, ou seja, para a enunciação, que indicará, por meio de suas marcas formais, todos os aspectos constitutivos do contexto que lhe ensejou – porque os gêneros indiciam o contexto mais amplo (histórico-cultural) e mais imediato (pragmático), concomitantemente – quais sejam: (i) conjuntura socioeconômica; (ii) sistemas ideológico-culturais; (iii) perspectiva pessoal/ avaliação; (iv) tipo de interação social; (v) audiência; (vi) tipo de relação entre os interlocutores; (vii) conteúdo temático; (viii) organização estilístico-

composicional; (ix) grupo social; (x) relações cronotópicas; (xi) enunciações alheias (precedentes e subsequentes).

Além disso, se pudermos, então, admitir a argumentação deste texto como válida, basta olhar para como os gêneros mudam para sabermos como as formas da língua mudam. Conforme Rojo (2005), o estudo da mudança linguística precisaria ter em vista que: (i) as relações sociais evoluem; (ii) a interação verbal evolui no quadro das relações sociais; (iii) as formas dos atos de fala, ou seja, os gêneros do discurso evoluem como consequência das mudanças na interação verbal; (iv) e todo esse processo evolutivo se reflete na mudança das formas linguísticas, para cujo exame vale a interpretação linguística habitual.

O diálogo tecido neste texto entre as abordagens em tela tem o objetivo, portanto, de lançar luz sobre como os fatores de (i) a (iii) podem ser potencializados, no estudo da língua em uso, por meio de um diálogo com os ECB, destacando-se o fato de não haver, nos ECB, categorias analíticas previstas *a priori* (pois elas devem ser apreendidas de cada situação de interação) – dada a compreensão de que o fazer científico em ciências humanas é uma prática interpretativa que se afasta de métodos objetivo-matemáticos. Nessa via, Brait (2006) considera que a “pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das *especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem [...]*” (BRAIT, 2006, p. 29; grifos nossos), ponderação que realça não só a concepção de sujeito em movimento (histórico-cultural), mas também a de linguagem como uma prática que os constitui situacionalmente.

Se a concepção bakhtiniana de que “nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um completo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 268) estiver correta, de modo que o inventário das vias de gramaticalização diacrônica que dão origem a soma total dos vários tipos estruturais que podem codificar um domínio funcional indicaria uma trilha de gêneros do discurso, então os estudos funcionalistas que se voltam para o exame da complexa relação forma/função no âmbito de domínios funcionais, tal como é o caso da expressão do FP, podem considerar os ECB uma mina ainda a ser explorada, para potencialização das respostas de que estamos em busca.

Palavras finais

Este texto teve o objetivo de argumentar que o agenciamento de um par forma/função, considerando fenômenos em processos de variação/mudança, ocorre no âmbito dos gêneros do

discurso. Para isso, (a) partimos de reflexões sobre um fenômeno específico, o caso do FP, (indicando que a representação temporal em geral e a do FP, em particular: depende de aspectos gramaticais – historicizados, regularizados, rotinizado – e pragmáticos (/evênticos), relacionados também às projeções que os sujeitos fazem da cena futura, com base no modo como avaliam o estado de coisas no presente), (b) em direção a uma discussão epistemológica (considerando como constitutivos, fundantes de todos os usos linguísticos aspectos cronotópicos e avaliativos) e teórico-metodológica (admitindo que os usos linguísticos se dão no âmbito dos gêneros do discurso e são agenciados para cumprir funções teleológicas a eles atinentes, de modo que os estilos de linguagem são, na verdade, dos gêneros do discurso).

Em busca de princípios explanatórios para o exame da língua em seu efetivo uso, consideramos que o diálogo entre as abordagens em tela tem o potencial de lançar luz sobre alguns dos principais desafios atuais da pesquisa funcionalista – o de lidar com as noções de texto e de contexto, pois ambos estão indiciados nos gêneros do discurso, segundo a ótica dos ECB. Retomando resultados de alguns estudos sobre o FP realizados sob essas bases (BRAGANÇA, 2017; LANGA-LACERDA, 2021), vimos que o tipo de análise que aqui se pratica é bem diferente do tipo de análise que se pratica fora de um olhar que, de saída, considera a função teleológica dos usos linguísticos, embora, inegavelmente, o campo funcionalista evoque, como premissa fundamental, o trabalho com o texto e com o contexto: de base interpretativista, reconhece-se que a função não basta para explicar a forma, sendo no *interior de sistemas culturais* que o exame da língua em uso deve se efetivar, pois neles há princípios localmente relevantes, responsáveis por conferir uma certa consistência aos pontos de vistas dos indivíduos e, em decorrência disso, uma certa consistência quanto aos usos linguísticos. Embora esses princípios já estejam na literatura funcionalista, acreditamos que o diálogo com os ECB, considerando aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos, podem potencializar a investigação de fenômenos em processo de variação/mudança, similares ao da expressão do FP.

O quanto pode ser aceito desse tipo de argumentação compete aos analistas da língua em uso examinar, a fim de que, mais do que ficar a critério do trabalho de cada pesquisador, construamos uma teoria geral sobre o complexo fenômeno da linguagem – em busca do que ainda estamos. Sigamos com a exposição (inacabada) da ideia.

Agradecimentos

Agradeço aos pareceristas pelas contribuições. As faltas que, por ventura, ainda persistem neste texto são de minha responsabilidade.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. A prática de análise linguística mediada pelos gêneros do discurso: matizes sócio-históricos. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 494-520, jul./dez., 2013.

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 1993 [1919-1921].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In:_____. *Estética da criação verbal*. 6ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1952-53], p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O problema do autor. In:_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979], p. 173-192.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. [Volochínov]. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 16º ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In:_____. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 7ª ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 2014 [1924], p. 13-70.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.

BRAGANÇA, Marcela Langa. Lacerda. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente*. 2017. 696 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In:____ (Org.). *Bakhtin: Dialogismo e Construção de Sentido*. 2ª ed. rev. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005, p. 87-98.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

BRAIT, Beth. Estilo. In: _____. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010b, p. 79-102.

BRAIT, Beth. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. *Texto ou discurso?* São Paulo, Contexto, 2012, p. 9-29.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere.; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

COMRIE, Bernard. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

COUPLAND, Nikolas. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FLEISCHMAN, Suzanne. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FONSECA, Ana Maria Hernandez. *A perífrase verbal IR + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. 2010a. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2010a.

FONSECA, Ana Maria Hernandez. Tempo, Aspecto, Modo / Modalidade (TAM) na expressão de futuridade. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 39 (1): p. 45-58, mai.-ago. 2010b.

FONSECA, Ana Maria Hernandez; GONÇALVES, Sebastião. Carlos Leite. Um estudo sociofuncionalista da perífrases verbal *ir + infinitivo*. *Anais do SILEL*, vol. 1, Uberlândia: EDUFE, 2009, p.1-10.

GIBBON, Adriana. *Trajetória de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. Tese. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis 2014.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: An Introduction*. v.I, Amsterdam/Philadelphia: J.Benjamins, 2001.

GIVÓN, Talmy. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*.Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2002.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria. Alice. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEBGALVÃO, V.; REZENDE, T. F (Orgs.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 35-63.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João, 2009.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elisabeth. *Grammaticalization*. 2. ed Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.

ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

LANGA-LACERDA, Marcela. A expressão do futuro do presente, os gêneros do discurso no âmbito da terceira onda variacionista e o mundo pós-covid-19: algumas incursões. *Working Papers em Linguística* (ONLINE), v. 22, p. 246-277, 2021.

MEDVIÉDEV, Pavel. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MORSON, Gary. Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

NEVES, Maria Helena Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Josane Moreira. *O futuro na língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. da C. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 22-35.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2011.

REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUCSP, São Paulo, 2001.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

SCHILLING, Nathalie. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING, N. (Eds.). *Thenhandbook of language variation and change*. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 327 – 349.

SOUSA, Gisele Cássia. Motivações pragmático-discursivas: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I da C. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 86-98.

SCHILLING, Natalie. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; CHILLING, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 327 – 349.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Zeroing in on multifunctionality and style. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 127-136.

VOLOCHÍNOV, Valentin. N. (do Círculo). Palavra na vida e a palavra na poesia: Introdução ao problema da poética sociológica. In: _____. *A Construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi (Org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1926], p. 71-100.

VOLOCHÍNOV, Valentin. N. (do Círculo). As mais recentes tendências do pensamento linguístico ocidental. In: _____. *A Construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi (Org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1928], p. 101-130.